
eleições 2004

A vitória de Luizianne e a derrota de Inácio



As eleições em Fortaleza dividiram, e deixaram marcas até agora no coração do bloco governista, a aliança do Partido dos Trabalhadores com o Partido Comunista do Brasil. Nossa repórter esteve na cidade e ouviu os personagens da campanha que promoveu um verdadeiro debate sobre os rumos do governo Lula

Lia Imanishi **Rodrigues**

1. A festa

Noite quente de domingo, 31 de outubro, nove da noite e a festa de Luizianne Lins tem milhares de pessoas. Ela ganhou de Moroni Torgan, do PFL: teve 620.174 votos e é a prefeita eleita de Fortaleza – 1,4 milhão de eleitores, a quinta cidade mais populosa do país. A festa é em torno de um palco armado ao lado do local onde funcionou o comitê de campanha da candidata, na avenida da Universidade. Bandeiras do partido – brancas, lilás e vermelhas – se agitam no ar. O calor do povo comprimido na avenida a transforma numa enorme sauna. Casais dançam.

Tem MPB, forró, reggae e rock. Um grupo de jovens bem vestidos diverte-se com uma boneca de bruxa, que representa a “marxista esotérica”, que Luizianne declarou-se numa entrevista. No bloco do rock, três figuras deslumbrantes: Samila, loira, que veste uma camiseta com a estrela petista, customizada com paetês; Akita, morena, com um vestido rosa-choque e saltos do mesmo tom; e Alícia, ruiva alta, com mais de 1,80m. São travestis, do ATRAC, Associação de Travestis do Ceará. Luizianne colocou em seu programa de governo a proposta de fazer com que as escolas públicas incluíssem no currículo o ensino da educação sexual, e destacou que a homossexualidade precisava ser tratada como opção sexual e não como doença. “Nossa esperança é que ela faça o que muitos não fizeram; viemos vestidas assim como forma de protesto”, diz Akira, que explica que normalmente os travestis de Fortaleza se “montam” nas boates – ou, já saem vestidos, vão de taxi, sob o risco de apanhar na rua.

Torgan, o adversário de Luizianne, que foi secretário de

Segurança no Ceará, era desse tipo: de bater em travesti, eles dizem. Um dia, diz Alícia, “mandou botar todos os travestis em fila indiana; eram mais de trinta pessoas; fez a gente tirar a roupa; a polícia bateu muito”.

A repórter está interessada no debate político sobre a candidatura de Luizianne. O centro do seu interesse é o seguinte: o núcleo da esquerda no governo Lula é a aliança PT-PCdoB. Mas, em Fortaleza, essa aliança parece ter saído muito abalada. O PT deveria ter apoiado a candidatura de Inácio Arruda, uma liderança popular reconhecida em Fortaleza; mas lançou Luizianne. Inácio foi um defensor do governo Lula na campanha eleitoral; e pode ter perdido em função disso. Já Luizianne parece ser uma posição diferente, de crítica ao governo Lula.

O debate político aparece, mesmo na festa. Muitos militantes, numa espécie de desabafo, entoam eslogans contra os dirigentes do partido – José Genoíno, José Dirceu, dirigentes nacionais, e José Guimarães, do diretório cearense – que eram contra a candidatura de Luizianne, da chamada Democracia Socialista, ala esquerda do PT. “Gostei de vê, gostei de vê, o Genoíno votando no PT”, repetem, trocando os nomes.

O deputado Pedro Ivo, assessor da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, que esteve em Fortaleza na campanha de Luizianne, desce do palco para a fila do queijo coalho na brasa. “Essa vitória é uma mensagem clara de que o povo quer o governo Lula. Mas o processo é contraditório”, diz ele. “O povo quer o Lula das lutas históricas, da militância”. Será que foi este o PT que venceu em Fortaleza? A repórter vai atrás de respostas.

2. A divisão

A candidatura Luizianne dividiu o PT do Ceará praticamente ao meio. Luizianne tem 35 anos, é formada em jornalismo, professora de Comunicação na Universidade Federal do Ceará. Foi diretora da UNE de 1992 a 93 e tem nove anos de PT. Nesse período, foi a vereadora mais votada de Fortaleza e a deputada estadual mais votada do Ceará. Foi candidata do partido à prefeitura em meio a acirrado debate. Sentado à mesa de Luizianne, no gabinete que ela tem na Assembléia Legislativa do Ceará, o coordenador-geral de sua campanha, Waldemir Catanho, jornalista, 37 anos, conta como foi esse debate. Ele diz que a idéia da candidatura surgiu nas eleições para o governo do Estado em 2002, que o partido quase ganhou – perdeu por uma diferença de pouco mais de 3 mil votos para Lúcio Alcântara, do PSDB, tendo em Fortaleza uma votação muito expressiva. O PT não tinha candidatura própria à prefeitura desde 1992, quando lançou um sindicalista para o cargo: em 1996 apoiou Inácio, já o candidato do PCdoB; e em 2000, também. Desse processo todo, diz Catanho, a avaliação para as eleições de 2004 era a seguinte: o PT era o maior partido de esquerda no Ceará; tinha eleito o presidente da República; quase tinha eleito o governador do Estado; e tinha direito de lançar candidato à prefeitura. E, de fato, logo após a eleição de 2002, diz ele, apareceram três pré-candidatos: um, da Democracia Radical, corrente à qual pertence, no nível nacional, o presidente do partido, José Genoíno; outro, ligado à Articulação, a corrente à qual pertencem o chefe da Casa Civil José Dirceu, o ministro Antônio Palocci e o próprio presidente da República, Lula; e a de Luizianne, ligada à Democracia Socialista, a corrente do ministro Miguel Rosseto, do ex-prefeito de Porto Alegre, Raul Pont, e, até recentemente, da senadora Heloísa Helena, hoje expulsa do partido.

Ao longo do processo, no entanto, diz Catanho, todos, menos a Luizianne, retiraram suas candidaturas. O argumento era o de que era importante a base do governo Lula ficar unida. O PCdoB, diziam, apoiava o PT em inúmeros lugares, em quase todas as capitais. E pedia o apoio do PT especialmente em Fortaleza, para a candidatura de Inácio, que os comunistas consideravam sua maior disputa, sua grande chance de ganhar uma capital. Mas o bloco de Luizianne não retirou a candidatura, que foi a debate nas bases. A divisão foi espetacular. “Nos encontros regionais, dos cerca de 1.400 delegados, tivemos vantagem de um delegado”, diz Catanho. “No encontro final, de delegados, ganhamos por três, 125 a 122”. O diretório nacional do PT visivelmente não tomou partido claro. Em abril, recomendou que o diretório municipal de Fortaleza apoiasse Inácio. Quando este decidiu apoiar Luizianne, ameaçou intervir; depois disse que não interviria; e, finalmente, resolveu que a campanha teria de ser feita totalmente por conta do diretório municí-

pal. Também a ala majoritária do PT no Estado, formada pela Articulação e a Democracia Radical, favorável à candidatura de Inácio, não interveio. Em fins de julho, o Diretório Nacional do PT resolveu reconhecer as duas candidaturas – a de Luizianne e a de Inácio –, aparentemente para lavar as mãos e não ter de punir nem o diretório municipal, nem os petistas que resolvessem apoiar Inácio.

A campanha de Luizianne foi feita ao velho estilo, diz Catanho. Ele garante que não se gastou mais que R\$ 120 mil no primeiro turno: “Não tinha dinheiro; nós nos endividamos, fizemos empréstimos bancários pessoais. Na verdade foi uma campanha do PT como se fazia antigamente, com festas, jantar, ajuda de militantes. O PT nacional chegou a bancar para Inácio um show de Zezé di Camargo e Luciano”, diz ele.

De início, Luizianne não parecia ter chances. A primeira pesquisa *Datafolha*, de julho, apontava Inácio com 28% das intenções de voto, apoiado pelo PCB, o antigo partido comunista; pelo PL, o partido do vice-presidente, José Alencar; pelo PPS, o partido do ministro Ciro Gomes, grande figura da política cearense; e pelo PMN e PRONA. Inácio batia Antônio Cambraia, com 21% – Cambraia era o candidato do PSDB, o partido do grande cacique da política local, Tasso Jereissati, apoiado pelo PP, PTB, PSL, PSDC e PRP; batia Torgan, do PFL, apoiado apenas por dois partidos nanicos – o PAN e o PTC, mas que, por baixo do pano, tinha o apoio de Eunício Oliveira, ministro das Comunicações do governo Lula e um grande empresário local (um executivo de Eunício, Gaudêncio Lucena, articulava a campanha de Torgan), então com 23% das intenções de voto; e batia ainda Aloísio Carvalho, do PMDB, candidato do prefeito da cidade, Juraci Magalhães, dissidente da ala majoritária peemedebista comandada por Eunício. Luizianne tinha apenas 3%. Ficava à frente apenas dos candidatos do PDT, do PSTU, do PCO – dois partidos esquerdistas –, e do PHS e PSC.

Luizianne foi então chamada para uma conversa pelo secretário-geral do PT, Sílvio Pereira, e aparentemente houve um acordo: ela retiraria sua candidatura caso não alcançasse 15% das intenções de voto até 10 de setembro. Em meados de agosto, no entanto, Luizianne afirmava que o acordo feito com Sílvio Pereira não tinha sido cumprido. “Fui abandonada. Até 10 de setembro não haveria tempo para que minha candidatura deslanchasse”.

No início de setembro, o ministro da Casa Civil, José Dirceu, foi a Fortaleza apoiar Inácio, num almoço no hotel Marina Park, que teve mais de mil pessoas, alguns empresários, muitos comunistas, petistas. O encontro lançou o movimento “Sou PT, voto Inácio”. E acirrou os ânimos no lado dos petistas pró-Luizianne. No dia seguinte, a assessoria jurídica da coligação PT-PSB, que apoiava Luizianne, entrou com representação no Tribunal Regional Eleitoral para impedir que Inácio usasse frases citando o PT ou o presidente Lula no material de

campanha, apoiada no fato de que a interferência de um partido na campanha de outro, que não faça parte da mesma coligação, contraria resoluções do Tribunal Superior Eleitoral e a lei dos partidos políticos. Logo depois, o movimento “Sou PT voto Inácio” teve de desmontar seu comitê de campanha.

O deputado federal João Alfredo, um dos principais articuladores da candidatura Luizianne, diz que a ida de Dirceu a Fortaleza foi um marco. “Eles tinham”, diz ele, outdoors, adesivos, logomarca, comitê de campanha, era um movimento”. “Eles perceberam, como nós também, nas nossas pesquisas, que o PT era o partido de mais apelo popular”. O PT tinha 22% da preferência dos eleitores, o segundo partido era o PMDB, com 10%, diz João Alfredo. “Nós tínhamos um desafio, de dizer que a Luizianne era a candidata do PT. Porque nas outras vezes, o Inácio era percebido como o candidato do PT. Nos outdoors do Inácio, ele não dizia que era o candidato do PCdoB”. As pessoas, especialmente as mais pobres, diz ele, pensavam que o PT tinha dois candidatos, o Inácio e a Luizianne. João Alfredo diz que, com base nisso, a campanha de Luizianne na televisão passou a ser: “Luizianne, candidata do PT”. “E toma estrela, estrela”, ele completa. Vários ministros petistas apoiaram Luizianne, além de Marina Silva: Humberto Costa, da Saúde; Miguel Rosseto, do Desenvolvimento Agrário; Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social; Tarso Genro, da Educação. Também estiveram na propaganda de tevê de Luizianne o deputado federal Arlindo Chinaglia e o presidente da Câmara dos Deputados, João Paulo Cunha.

João Alfredo é formado em direito, foi deputado estadual por três mandatos; depois foi deputado federal – está no terceiro mandato. Foi um dos fundadores do PT na cidade, onde hoje as correntes de esquerda são majoritárias: a sua, a DS; a Tendência Marxista, do presidente do diretório municipal do PT, Francisco Pinheiro; e mais o Fórum Socialista, O Trabalho e independentes. A corrente Democracia Radical é majoritária no Ceará, mas não na capital. A Articulação é majoritária no país, mas não no Estado.

“Nós achávamos”, diz João Alfredo, “que aqueles deputados federais que estiveram muito envolvidos e votaram em temas polêmicos do governo Lula – reforma da previdência e salário mínimo, teriam muita dificuldade em se eleger. Praticamente só tem uma exceção nesse caso, que é o Lindberg, no Rio de Janeiro. Se você atentar, principalmente nas capitais, onde você tem um eleitorado mais esclarecido, mais independente, onde tem muitos funcionários públicos, muitas universidades, setores que foram base importante nas eleições nossas, para essa parte, esse segmento que é formador da opinião pública, esses candidatos foram para o poste, como se diz, com a pecha de traidores. E aqui eu não estou fazendo nenhuma acusação ao deputado Inácio Arruda, pelo amor de Deus, não é nem o Inácio – é um problema de discordância com essas propostas do governo”, explica.

João Alfredo faz parte do chamado “grupo dos oito”

do PT, deputados que se abstiveram na votação da reforma da Previdência: além de João Alfredo, Walter Pinheiro (BA), Chico Alencar (RJ), Maninha (DF), Paulo Rubem (PE), Ivan Valente (SP), Orlando Fantasini (SP) e Mário Passos (SC). Outros deputados se agregaram às reuniões deste grupo: o deputado Nazareno Fontele (PI) e a deputada Doutora Clair (PR).

“Nesse grupo, que no começo era dos 30, levantamos críticas à política do governo, à reforma da previdência. Não seguimos a posição da Heloísa Helena, da Luciana Genro e do Babá, de romper com o governo. Nós fomos contra a expulsão deles. Até o nosso voto de abstenção, que foi pouco compreendido naquele momento, era uma forma de nos diferenciar, tanto de uma postura muito obediente às posições do governo, como de outra, de rompimento total. Porque a nossa idéia sempre foi de continuar dentro do governo, de exercer pressão de dentro. Tivemos uma posição diferenciada também em relação a outros temas, como a questão da autonomia do Banco Central, a liberação dos transgênicos e a lei das falências”, explica.

3. A campanha

A campanha de Luizianne não foi de grandes discussões nacionais. João Alfredo explica: “Nós não fizemos nessa campanha um debate das questões nacionais, do governo, quer dizer, a discussão da política econômica, a reforma da previdência, a relação com o FMI. Não”. Ele diz que isso foi um ensinamento da conferência eleitoral do PT, realizada em maio, com a participação do Duda Mendonça, o famoso marqueteiro. “Aprendemos isso, inclusive, com o Duda”, diz ele. “Nós trouxemos os ministros para debater os programas bem sucedidos do governo na área social, de saúde, educação, habitação, meio ambiente. A gente assumiu como se diz, o modo petista de governar”, diz. “E fizemos uma cam-



panha propositiva, bonita esteticamente, alegre, de debater as questões sociais da cidade, a desigualdade, e o nosso compromisso com os setores populares”.

Ao contrário de Luizianne, diz João Alfredo, Inácio precisou debater os temas mais amplos: “O Inácio foi forçado a debater esses temas, por causa do voto dele no Congresso. Se estabeleceu uma luta fratricida entre o Inácio – que assumiu completamente a defesa do governo nesses pontos críticos, não tão ligados à população – e o Cambraia. Eles dois se agrediram demais, ao ponto de ter a militância brigando fisicamente nas ruas. No último debate, teve até tiro. Ninguém se machucou, felizmente. Com o nível de agressão das outras campanhas, Luizianne e o Moroni correram por fora. E, no nosso caso, a gente surpreendeu, porque talvez alguns setores do nosso partido achassem que a gente ia fazer uma campanha anti-Lula e raivosa. Nós não fizemos nada disso, fizemos uma campanha petista, nos referenciamos nos programas do governo e fizemos uma campanha bonita, para cima. Eu acho que foi tudo isso que fez a campanha subir e, no final, a migração dos votos do Inácio para a Luizianne”, avalia.

4. A digestão

Apesar do apoio de alguns integrantes do primeiro escalão do governo Lula – dos ministros Aldo Rebelo (Coordenação Política) e Agnelo Queiroz (Esportes), ambos do PCdoB, do vice-presidente José Alencar, do PL, do ministro da Integração Regional, Ciro Gomes, Inácio não foi para o segundo turno: ficou com 19,23% dos votos, atrás de Luizianne, com 22,3% e Torgan, com 26,6%. Cambraia, o candidato de Tasso, ficou com 18%, na quarta posição. Inácio declarou apoio à Luizianne no segundo turno, mas não foi à comemoração na avenida da Universidade. Também não se viam por lá dirigentes, militantes notórios ou bandeiras comunistas. Não foi fácil para os comunistas a digestão da vitória da petista. Inácio é militante histórico da esquerda cearense; foi dos movimentos pela anistia e contra a carestia; foi presidente da federação das associações de bairros e favelas; esteve nas lutas sindicais, movimentos de sem-terra; e na coordenação das sucessivas campanhas de Lula para presidente. Suas três votações para deputado federal foram crescentes: em 1994, quase 100 mil votos; em 1998, mais de 120 mil; em 2002, mais de 300 mil, dos quais mais de 240 mil só em Fortaleza – na época, quase um quarto dos votos de todos os eleitores da cidade.

Para o presidente do diretório do PCdoB de Fortaleza pesou na derrota de Inácio “o apoio incondicional” do partido ao governo Lula. “O apoio incondicional ao governo Lula, que levou inclusive o PCdoB e o Inácio a votarem a favor da reforma da Previdência e do salário mínimo, foram dois pontos muito explorados na campanha, inclusive pela Luizianne”. Eram onze candidatos a prefeito, diz ele; desses onze, apenas três não atacaram o Inácio. “Todos

fizeram uma campanha grande contra o Inácio, explorando principalmente essas duas questões. E a esquerda, de certa forma, avalizou isso”. Segundo ele, a própria candidatura da Luizianne, menos na tevê e mais no rádio e junto à militância, participou dessa campanha: “Ela dizia que agora o Inácio era diferente, que tinha traído os trabalhadores porque tinha votado pelo salário mínimo de 260 [reais], que tinha votado na reforma da Previdência”. Não era exatamente isso, diz ele. Na questão da Previdência, o Inácio votou contra a taxaço dos inativos; votou a favor do projeto como um todo, mas no destaque da taxaço dos inativos, votou contra. “Mas, o que passou foi que todo aposentado, aquele velhinho que ganha um salário mínimo e mora na favela, ia pagar 11% de sua aposentadoria porque o Inácio votou contra ele”.

Para Luiz Carlos, Inácio foi apresentado como um candidato do governo Lula, da direção nacional do PT e a candidatura da Luizianne passou a ser uma candidatura perseguida pela direção nacional do PT, que não deu apoio ao nome dela, mesmo tendo sido a candidata que venceu democraticamente o encontro municipal de Fortaleza. “O Inácio ficou identificado como o candidato do governo Lula – que ele defende, que nós defendemos, corretamente –, e a Luizianne ficou como a candidata que defende o PT histórico, o PT da luta, o PT que quer a mudança. Ficou que esse pessoal que está apoiando o Inácio renegou esse passado histórico, de luta. E que a Luizianne quer resgatar aquele PT que o povo queria que fosse para o poder para fazer as mudanças. E esse PT que está aí hoje é o PT que não quer fazer as mudanças”.

Para Luiz Carlos, o PCdoB tem tentado mudar o governo “tem feito um debate procurando contribuir para o avanço do governo, para a mudança dessa política macroeconômica”. Durante o debate da reforma da previdência, diz ele, o PCdoB apresentou proposta bem diferente da do governo. Na questão do salário mínimo, propôs um aumento para R\$ 280, ao invés dos R\$ 260; e, além do mais, apresentou uma emenda para garantir reajustes anuais que contemplem, além da reposição das perdas inflacionárias, o aumento da produtividade, do crescimento do PIB. “A posição do partido tem sido essa”, diz ele, “de fazer a luta internamente, mas de votar com o governo”. Ele diz: “Se a gente conseguir convencer o governo que a nossa proposta é a mais correta, tudo bem; se não, vamos votar contra a nossa proposta e a favor do governo”.

A repórter pergunta se o voto contra o Inácio por essas posições não é uma prova de que a população está insatisfeita com o governo Lula. “Exatamente. Uma parte do voto na Luizianne teve esse conteúdo. Pessoas que votaram vendo a Luizianne como essa pessoa que queria resgatar essa postura histórica do PT, de uma mudança realmente mais profunda”.

Então o governo Lula não é mais o governo da mudança? “Eu não diria bem assim. Eu diria que uma parte do eleitorado vai vendo, vai percebendo, e vai assumindo uma posição de descontentamento, porque não vê mais

5. E agora, Inácio?

o programa levado às praças públicas sendo realizado. Isso de fato ocorre. Se você pegar no meio dos servidores públicos, há um desgaste. O servidor público sempre deu um apoio muito grande à esquerda, ao PT, e nessas eleições uma parcela importante desses servidores, aqui em Fortaleza, se posicionou contra a candidatura do Inácio porque representava uma posição, segundo eles, de alguém que estava traíndo a luta dos servidores”.

Em seu gabinete na Assembléia Legislativa do Ceará, enfeitado com duas fotos de Lula, antes e depois de eleito presidente, e mais uma série de reportagens de jornal sobre a história de sua família, o deputado José Guimarães, irmão do presidente do PT, José Genoíno, se diz uma espécie de líder do governo federal em Fortaleza. Para ele, Inácio não perdeu porque defendeu o governo Lula, mas porque não o defendeu com firmeza. “Eu acho que o cara tem que ser claro; não pode ser dúbio na sua posição política. As pessoas me tratam aqui na Assembléia como líder informal do governo Lula. Eu não tenho problema com isso”. Ele diz que votou sem vacilação na reforma da Previdência feita pelo governo do Estado, do PSDB, que era a cópia da do governo federal. Para ele, o que “pegou” na campanha do Inácio, não foi ele ter defendido o governo, mas ter deixado mais ou menos ambígua sua posição em relação à reforma. A idéia que se consolidou, diz ele, foi a de que Inácio mentiu, porque num dos debates ele disse que não tinha votado com o governo na reforma da Previdência. “Ele passou como falso e mentiroso. Esse foi o problema central, não o voto em si na reforma da Previdência”.

Mas ele contemporiza: “Política não se faz com rancor e nem com ressentimento. Nem o PCdoB pode ficar ressentido com o PT por defender o direito do PT de apoiar Luizianne. E nem os companheiros do PT que estiveram com ela no primeiro turno podem subir no salto alto, achando que é o lado do bem contra o do mal. Não se faz política desse jeito”. Para ele, o fato da esquerda estar dividida prejudicou a votação na Câmara de Vereadores. Na disputa para vereador, o pleito foi extremamente dividido, com 21 chapas. O PT só fez três vereadores, tinha quatro; o PCdoB só um. “O que significa ter a candidata mais votada se só temos três vereadores? Se tivéssemos juntado PT e PCdoB, com todo mundo, nós tínhamos dado um banho na Câmara”. Agora, ele diz, “temos uma Câmara Municipal com 41 vereadores, e uma base muito pequena de esquerda. Isso é um problema para qualquer um que queira governar a cidade sob uma ótica progressista”. Ele acha que Luizianne já mudou de postura. Há uma mudança muito grande na sua base, do primeiro para o segundo turno, ele diz. No segundo, foram nove partidos. “Acho que ela vai ter que fazer uma opção, se ela quer fazer um governo progressista, democrático e amplo, colocando os maiores agentes públicos e políticos da base do governo Lula para ajudá-la a governar a cidade”. “Isso é que é ter poder na política; não é fazer bravata ideológica”, ele conclui.

A repórter encontra Inácio depois das eleições, em um apartamento confortável, mas modesto, onde ele mora em um bairro afastado da Beira Mar, a área mais rica da cidade. A esposa de Inácio traz café e bolo de fubá. Inácio tem 47 anos. Fez eletrotécnica na Escola Técnica Federal e cursou a faculdade de Matemática e a de Direito, da Universidade Federal do Ceará, mas não conseguiu acabar nenhum dos dois cursos. “Meu envolvimento nas lutas sociais era muito forte; tinha que trabalhar, tinha que lutar”. Seu primeiro emprego foi numa metalúrgica; o segundo, de funcionário concursado do Tribunal de Justiça. Milita nas lutas sociais desde jovem. É um ativista político típico: “Em 74, os jovens me perguntavam: ‘Em quem nós deveríamos votar?’. Eles ainda não votavam, naquela época ninguém votava com 16 anos. Mas eu dizia, vamos fazer campanha contra o governo militar. ‘E quem é o candidato?’ Bom, o candidato é esse aí, o Mauro Benevides. ‘E quem é esse Mauro Benevides?’. Eu sei lá quem é esse Mauro Benevides!. ‘Mas você tem alguma coisa, algum material sobre ele?’. Não, não tenho, nada não, mas ele é o candidato contra os militares, então o nosso candidato é esse. Ele era candidato ao Senado e foi de fato eleito. Nós só fomos conhecê-lo em 92, já na campanha de governador, quando foi candidato. Dessa vez ele perdeu”.

Inácio diz que seu estilo é esse: o de buscar o melhor caminho para a composição, “no sentido de isolar o setor mais conservador da política do Estado e, em determinadas circunstâncias, disputar a eleição diretamente, buscando sempre um leque de forças políticas amplas para nos apoiar. Foi o que aconteceu nessas eleições”. Ele diz que as alianças foram importantes para que ele pudesse ter mais tempo na tevê para expor suas propostas, mas mesmo assim, o tempo era curto: “Nós tínhamos seis minutos por dia, enquanto os adversários,



que estavam em campanha aberta contra a gente tinham, somando tudo, 39 minutos. O Cambraia tinha 13 minutos e pouco; a Luizianne, onze e pouco; o Moroni, oito e pouco; o Aluízio, sete e pouco; e eu, seis e pouco”.

Ele acredita que sua candidatura foi a mais atacada de todas, porque ele era o candidato que mais riscos representava para a direita: “Uma vitória nossa era o maior perigo para a direita, uma vitória de um dirigente comunista, de um partido que tem uma visão ampla como o partido tem hoje”. Ele lembra que o PCdoB já votou em muitos candidatos, votou até no Tasso Jereissati, mas sempre, olhando “bem mais à frente, escolhendo o mais conservador e indo contra ele”. A direita também fez isso, agora, diz ele. “Quem é o candidato que a gente tem que tirar? Tanto que bateram forte na minha candidatura. O esquema do Cambraia batia na gente, o esquema do Moroni batia na gente”.

Ele acredita à esquerda os ataques mais duros, no entanto: “Os ataques em cima de posições nossas em relação a apoio ao governo Lula foram feitas abertamente pelo PT, pelo PDT. O esquema da Luizianne batia fortíssimo na gente, o do PSTU batia fortíssimo na gente”. Ele destaca o PCO: “O cara do PCO, Antônio Vidal, fez um papel sujo. Todo dia tinha campanha dele contra a nossa candidatura. Ainda não está explicado quem é que pagou ele. Foi a direita? Foi a esquerda? Quem forneceu munição para ele? Usaram inclusive imagens minhas da Câmara dos Deputados, que só eu posso pegar – nem um outro deputado, nem ninguém. Na mesma época, eu solicitei imagens minhas junto com o Renildo, o líder do PCdoB na Câmara, e a Câmara não cedeu as imagens. Disse que, como eram juntas, tinha que ter um pedido meu e um pedido do Renildo, separadamente. Eu agora vou requerer ao presidente da Câmara para que ele explique como essas imagens foram parar na campanha, primeiro do PCO, depois no programa do PSDB”, explica.

Inácio não concorda com a idéia de que perdeu porque, para a opinião pública, ele ficou como o candidato chapa branca, das reformas neoliberais, enquanto Luizianne teria ficado como a candidata que defende os antigos ideais do PT histórico, de luta. “Eu acho que essa idéia é falsa, é uma forma de enganar. Mesmo porque, em muitos locais, onde tivemos vitórias do PT, o PT que ganhou é o PT mais lulista. O Marcelo Deda, em Aracaju, é um PT anti-Lula? Pelo contrário. Em Recife, com o João Paulo? É lulista. Todos os que ganharam já no primeiro turno são os PTs mais próximos do governo Lula e da principal corrente, que é a Articulação. E no segundo turno, nós tivemos o episódio de Fortaleza, a vitória de uma corrente mais à esquerda, que é a DS, da Luizianne. Mas um dos principais cérebros da corrente da qual Luizianne participa, que é o Raul Pont, do Rio Grande do Sul, foi derrotado. Então essa argumentação é completamente falsa. O que ocorreu em Fortaleza é que nós tínhamos trabalhado com o PT, e colocado nacionalmente com o PT, que um dos nossos obje-

vos centrais era a eleição em Fortaleza, e que era importantíssimo o apoio do PT, em função, não do apoio ao governo Lula, mas do apoio que nós demos de forma destacada às candidaturas do PT em quase todo o Brasil. Então não tinha sentido o PT ter candidatura no local que o PCdoB considerava que era seu principal objetivo. Então, quem, vamos dizer assim, impediu a vitória do PCdoB em Fortaleza, foi o PT”.

Mas e o voto de Inácio a favor das reformas impopulares do governo, não teve influência? “Claro, mas isso pega na medida em que, o PT tendo uma candidata, dava crédito ao discurso da direita. Esse é que é o problema. Então você passou a ter um ataque feroz da direita, com crédito do PT. Ao invés de enfrentarmos juntos a direita, o PT começou a atacar principalmente a candidatura do Inácio”.

Ele não está arrependido de seu voto na reforma da Previdência: “A reforma é exclusivamente para os servidores públicos e as mudanças só atingem aqueles que ganham mais de R\$ 2.500. Embora, na nossa opinião, do PCdoB, essa reforma fosse absolutamente desnecessária do ponto de vista político para o governo. Era melhor você ter deixado de lado esta questão. Mas, já que o governo resolveu enfrentar esse problema, eu não ia sair correndo para somar com a oposição, com o PFL e o PSDB, fazer, como a Heloísa Helena, um discurso de esquerdismo meio fundamentalista, que não tem condições de ajudar o Brasil a dar esse passo progressista”. E as reformas sindical e trabalhista, que o governo promete votar no ano que vem? Inácio diz que elas “não têm como andar, porque enfrentam uma resistência muito grande dos sindicatos e das confederações nacionais”. Ele diz que “faz mais sentido colocar outras questões na pauta do Congresso, como a redução da jornada de trabalho, para que ela seja, pelo menos, igual à dos países do Mercosul”.

Inácio diz que, de qualquer forma, vai apoiar Luizianne. “Nós demos apoio a ela no segundo turno, fizemos uma nota e entregamos nosso programa para ela usar aquilo que considerar importante. Não vamos criar nenhuma dificuldade em seu governo, pelo contrário”. “É um governo do nosso campo”, diz ele. E os problemas são enormes, afirma. Fortaleza tem o terceiro maior déficit habitacional do Brasil. “É o problema mais grave que temos. Temos muitas áreas de risco. Um outro problema é a falta de emprego, esse não é um pólo avançado da economia”.

E a política econômica do governo, a repórter pergunta? “Desde o começo do governo, o PCdoB faz reuniões com o governo Lula, para debater a política econômica. Renato [Rabelo, presidente do PCdoB], eu, Aldo [Rebello, ministro da Coordenação Política], já nos sentamos várias vezes com o governo, debatendo os juros elevados, o superávit primário, o câmbio. Mesmo com isso, nós não somos daqueles que, na hora de decidir no Congresso Nacional, escolhemos o caminho mais fácil, que é o da oposição. Nós não somos da oposição; nós

participamos do governo; nós queremos que esse governo não só tenha êxito agora, no primeiro mandato, mas que seja reeleito. E não tem opção no Brasil; não se criou condições para se ter uma candidatura mais avançada”.

Desde 1989, diz ele, o PCdoB poderia ter lançado candidato próprio à presidência. “Mas fizemos uma outra opção”, por um caminho mais progressista. O governo Lula, ele diz, é esse passo mais avançado que o Brasil pode dar. “Se você pegar do México para baixo, quem está bem? Ninguém. Se olhar para a Europa, também não. Os países todos estão tendo que se espelhar no esforço brasileiro – os argentinos, os venezuelanos, os uruguaios agora, todos estão olhando um pouco”.

Para Inácio, o principal derrotado em Fortaleza é Tasso Jereissati. Seu candidato ficou em quarto lugar, ele diz. “É uma derrota que o atinge nacionalmente. Com a vitória do PSDB em São Paulo, o máximo que o Tasso pode ser agora é coordenador de campanha do Alckmin”.

6. E agora, Luizianne?

Maria Luiza Fontenelle foi a surpresa das eleições municipais brasileiras de 1985: disputando pelo PT, e sendo de uma ala radical – que na época reunia vários petistas que estão hoje na direção do partido, como José Genoíno – ela ganhou a prefeitura de Fortaleza. O que Luizianne Lins tem de Maria Luiza Fontenelle? A se acreditar nas palavras da ex-prefeita Maria Luiza, que hoje tem 62 anos e é professora aposentada da Universidade Federal do Ceará, Luizianne é, em última instância, uma “candidata do sistema”. Maria Luiza hoje pertence ao Movimento pela Emancipação Humana e a um grupo chamado Crítica Radical, que pregou nas últimas eleições a greve do voto. Na campanha, seu grupo fez

um circo eleitoral, que fazia sátiras aos candidatos: Moroni Torgan, por causa de suas freqüentes declarações sobre segurança, virou *Cachorroni*. Mas a crítica sobrava também para Luizianne, que era a *Patalins*. “É porque ela faz um discurso de todo mundo feliz, otimista”.

“Minha candidatura era de ruptura. A Luizianne representa a candidatura do sistema para administrar a crise”, disse Maria Luiza aos jornais. Mesmo ela, no entanto, acha que o voto em Luizianne representa um voto anti-machista e anti-caciquismo político”. Maria Luiza acha que Luizianne representa também “uma rejeição do governo Lula”, que “deu continuidade à mesma política liberal, submissa e derrotista” de Fernando Henrique Cardoso.

Otimista, alegre, Luizianne é, sem dúvida. “Eu não tenho vergonha de ser radical, não. Acho que é isso que faz a diferença. O povo está precisando é de um projeto radical mesmo”. Ela é cautelosa em relação ao governo Lula, no entanto: “Não acho que se tenha que abrir mão de valores históricos, de princípios socialistas. O governo tem muitos sucessos em algumas coisas e equívocos em outras”. A posição de Luizianne também se distingue da de Heloísa Helena. Como membro do diretório nacional, ela votou contra a expulsão da senadora e dos deputados João Fontes (SE), Luciana Genro (RS) e Babá (PA), que atualmente buscam assinaturas de eleitores para legalizar no TSE o Partido Socialismo e Liberdade (PSol). Mas Luizianne foi contra sair do PT.

Depois da vitória no primeiro turno, Luizianne foi chamada pelo presidente da República. Saiu da entrevista dizendo que “Lula teve a humildade que muitos não tiveram”. O presidente teria reconhecido a posição ambígua do partido no primeiro turno; teria dito que o diretório nacional, das duas, uma, ou intervinha no diretório municipal e impunha a candidatura do Inácio, ou encampava com vigor a candidatura de Luizianne.

Voltando à Fortaleza, Luizianne tratou de reunir o PT local e integrou à direção de sua campanha os petistas como José Guimarães que haviam participado do movimento pró-Inácio. Sua vitória no segundo turno foi facilitada não só pela reunião da esquerda, mas porque os caciques da política local também se dividiram. O maior deles, Tasso Jereissati, afirmou aos jornais locais que Moroni não tinha condições de ser prefeito porque “a turma que está por trás dele é da pesada, de repressão, e que compactuou com os piores momentos da polícia e tem gente dele envolvida em tortura”. Moroni teve graves atritos com Tasso quando foi seu secretário de Segurança. Tasso declarou que, entre Luizianne e Moroni, Moroni era “o pior dos males”. César Maia, prefeito eleito do Rio, que esteve em Fortaleza fazendo campanha por Moroni e também é do PFL como o ex-secretário de Tasso, criticou a posição do pessedebista dizendo que ela prejudicava as articulações PSDB-PFL, com vistas a uma candidatura presidencial única em 2006. ■

